

(2016) NUNO COSTA SANTOS (DIR.),  
**GROTTA: ARQUIPÉLAGO DE ESCRITORES. #1,**  
PONTA DELGADA, PUBLIÇOR/LETRAS LAVADAS EDIÇÕES.

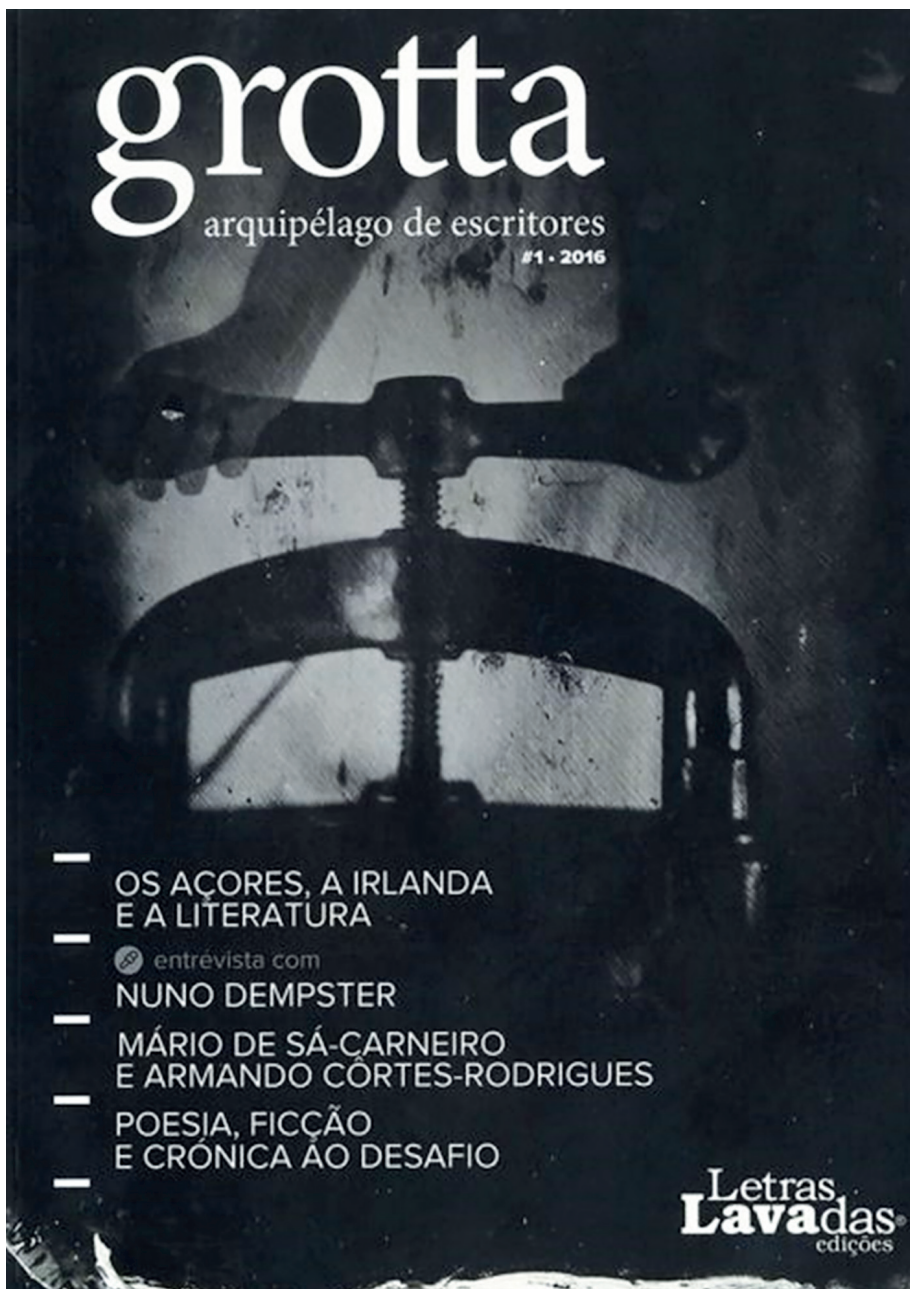
por

PAULA ALEXANDRA DE SOUSA COTTER CABRAL

*A* recente novidade editorial “Grotta”, lançada pela Letras Lavadas Edições, vem dar, neste momento, um novo impulso à panorâmica literária nacional. Se a temática nuclear, “Os Açores, a Irlanda e a Literatura”, é já um elemento apelativo, o aspeto gráfico-visual desperta o leitor menos atento não só pela dinâmica da disposição pictórica das imagens e das fotos como também pela construção harmoniosa dos diferentes elementos dos conteúdos escritos.

O título surge-nos, no texto umbral, fundamentado pelo “vulcanólogo no exílio”, Victor-Hugo Forjaz, “grotta é a fonte, o início, o começo de algo líquido mas intempestivo – que tudo arrasta vertentes abaixo [...]. As grotas existem em todas as ilhas [...] e são como que as veias superficiais e tortuosas que oxigenam a nossa paisagem”. Assim, esta “Grotta” adivinha-se uma força de vida endémica à insula da criação literária de cada autor que persiste num tempo e num espaço. Tal como, Urbano Bettencourt refere, no suplemento “Artes & Letras”, num “diálogo a quatro mãos” com João Nuno de Almeida e Sousa, o espírito que consubstancia “«grotta» resulta de mais um gesto de teimosia e constitui, à sua maneira, um nicho de valorização da palavra e da sua natureza simbólica, um espaço de manutenção da memória e da sua projecção num tempo que sendo o nosso pode ser também o futuro. Nicho ou ilha, para melhor contextualizarmos a metáfora. Mas as ilhas movem-se, também elas. E nem sempre se deixam ir na corrente” (*Açoriano Oriental*, 25.12.2016).

A diversidade de géneros e das origens literárias dos autores constituem também um referente majestoso no contexto literário português. Não é frequente a articulação inter e intra-arquipélagos, numa simbiose de paisagens



# grotta

arquipélago de escritores

#1 • 2016

— OS AÇORES, A IRLANDA  
E A LITERATURA

—  entrevista com  
NUNO DEMPSTER

— MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO  
E ARMANDO CÔRTEZ-RODRIGUES

— POESIA, FICÇÃO  
E CRÓNICA AO DESAFIO

Letras  
**Lavadas**  
edições

e tradições imagéticas do verde, do mar e do azul celeste para unificar uma perspectiva onírica.

No entanto, não nos circunscrevemos à Ilha, ao espaço rodeado de um mar imenso que isola (d)os outros. Pelo contrário, a *Grotta* estende as páginas a um universal “arquipélago de escritores”, tornando qualquer longe, bem perto de nós. Inova pela desenvoltura eclética dos gêneros que percorrem as páginas deste pequeno grande tomo, numa linha cronológica que aborda desde Armando Côrtes-Rodrigues, em correspondência inédita com Mário Sá-Carneiro, na escrita de Anabela Almeida, aos mais “rejuvenescidamente” contemporâneos.

O artigo de Pedro Santo-Tirso, “De Ponta Delgada a Galway”, cujas coordenadas geográficas se centram nas emoções vividas nos espaços, captam, a cada *flash*, e projetam, a cada instante, o reflexo das percepções dos afetos que nos ligam a cada lugar. Por isso, a cada esquina da página espreita-se a outra ilha, um outro espaço equidistante da alma. Parece ser impossível não considerar a interseção das experiências vividas ao cruzá-las no caminho dos sentimentos, num apelo constante à memória de experiências consumadas ou por consumir “a primeira coisa a fazer quando se chega à insularidade é recolher a dispersão a que alguns de nós andamos sempre condenados” (p. 77). E, no entanto, segundo o autor, o que mais aproxima as ilhas (e leia-se, “as pessoas”) “são as suas diferenças”.

Se, por um lado, nos apresenta a sensibilidade da convivência com o mar, por outro, pinta-nos a estética continental perante o misticismo do isolamento interno, muitas das vezes, em cada um de nós. A insularidade extrapola-se, deste modo, através da escrita, forma de expressão que distingue quer açorianos, quer irlandeses, enquanto forma de superar essa mesma insularidade.

Porém, não serão as próprias circunstâncias e idiossincrasias, intrínsecas a esta condição, que fazem destas ilhas únicas? As páginas da “*Grotta*” fornecem-nos pistas para desvendar a conceção de cada autor, nas suas diferentes expressões literárias, sobre o sentir profundo do ser em cada espaço vivido.

Os seis poetas irlandeses, que ilustram o género lírico com pronúncia gaélica, documentam a contemporaneidade. A apresentação bilingue dos poemas permite a dupla sonoridade, o confronto entre o original e a arte de traduzir um dos mais difíceis modos literários. Hugo Pinto Santos assumiu esta árdua tarefa do jogo ardiloso do léxico, dando às palavras dos poetas insulares irlandeses as suas congêneres portuguesas. São seis poetas irlan-

deses aqui reunidos, nascidos entre os anos 70 e 80, para revelar o que de mais recente e inovador se produz em terras de Saint Patrick.

Não podemos, também, ser indiferentes ao trabalho das imagens, das fotografias, à moldura que envolve estes e outros textos da revista. Os créditos são atribuídos a Mário Roberto (“Silver Words”) e a José António Rodrigues (“Paleopark de Santa Maria”) que presenteiam o leitor com documentos de outras épocas, através da objetiva de quem observa o pormenor do tempo e do espaço e assim o conserva perante os nossos olhos.

As rúbricas deste número #1, incluem ainda uma entrevista com Nuno Dempser, que destaca a poesia como “um óptimo GPS para nos situarmos no mundo”, narrativas de autores como Alexandre Borges, João Pedro Porto e Maria da Conceição Caleiro; poesia pelas mãos de Carlos Bessa, Ivo Machado e André Almeida e Sousa; textos poéticos de Paula Sousa Lima e de análise literária (“tresleituras”) sobre “Mau Tempo no Canal”, de Vitorino Nemésio, pela pena de Victor Rui Soares.

Já o campo memorialístico está a cargo de Joel Neto, que evoca os seus, e de Eduardo Paz Ferreira ao lembrar os Natais açorianos de outrora. O autor-convidado desta edição é Fernando Venâncio, cuja acuidade da escrita nos traz microcontos para degustarmos em boa companhia.

Não podíamos terminar esta apresentação sem referir um desafio. António Bulcão troca provocações com Diogo Ouriqueao gosto popular. Cantigas ao desafio à boa maneira açoriana, num formato cronístico que exalta a crítica irónica entre duas gerações com perspetivas particulares sobre o espaço deste nosso tempo.

Se Nuno Costa Santos perspetiva a *Grotta* como “uma possibilidade. Sem encolhimentos nem deslumbres”, os leitores podem, sem dúvida, confirmar que a Literatura está aqui bem viva e recomenda-se.